

A TOPONÍMIA URBANA DO MUNICÍPIO DE JARDIM DE PIRANHAS – RN: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA AS AULAS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO

Erielson Miranda Pereira¹

RESUMO: O propósito deste artigo é apresentar o perfil toponímico da cidade de Jardim de Piranhas – RN. O *lócus* investigativo é composto de 169 nomes correspondentes à área urbana do município. São vias públicas, bairros, loteamentos e praças, coletados do arquivo municipal que possuem reconhecimento em forma de lei. Optou-se por investigar, classificar e analisar os topônimos catalogados. A partir do processo de construção do conceito de lugar nas aulas de Geografia foi aplicado um questionário com alunos da Escola Estadual Amaro Cavalcanti no sentido de estabelecer uma leitura crítica do lugar a partir de uma percepção toponímica possibilitando reconhecer aspectos sociais, políticos, culturais e geográficos do lugar em que vivem. Os resultados permitiram validar positiva e interdisciplinarmente que existe um padrão toponímico entre o ato de nomear os espaços públicos e o tributo a representantes do poder político, membros de famílias tradicionais e elementos religiosos frente a elementos físicos da região como forma de imprimir as relações de posse e poder.

PALAVRAS-CHAVES: toponímia, lugar, identidade, Geografia, ensino.

THE URBAN TOPOONY OF THE GARDEN OF PIRANHAS - RN: A TEACHING PROPOSAL FOR HIGH SCHOOL GEOGRAPHY CLASSES

ABSTRACT: The purpose of this article is to present the toponymic profile of the city of Jardim de Piranhas - RN. The investigative locus is composed of 169 names corresponding to the urban area of the municipality. They are public roads, neighborhoods, subdivisions and plazas, collected from the municipal archive that have recognition in the form of law. It was decided to investigate, classify and analyze the cataloged place names. Based on the process of constructing the concept of place in Geography classes, a questionnaire was applied with students from the Amaro Cavalcanti State School in order to establish a critical reading of the place from a toponymic perception, making it possible to recognize social, political, cultural and geographical aspects. the place where they live. The results allowed to positively and interdisciplinarily validate that there is a toponymic pattern between the act of naming public spaces and the tribute to representatives of the political power, members of traditional families and religious elements in front of physical elements of the region as a way to print the relations of possession and power.

KEYWORD: toponomy, place, identity, Geography, teaching.

¹ Mestrando em Geografia, Programa de Pós-graduação em Geografia – GEOPROF - CERES, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Brasil. E-mail: erielson.pereira1@prof.edu.ma.gov.br

LA TOPOONIA URBANA DEL JARDÍN DE PIRANHAS - RN: UNA PROPUESTA DOCENTE PARA LAS CLASES DE GEOGRAFÍA DE ESCUELA SECUNDARIA

RESUMEN: El propósito de este artículo es presentar el perfil topográfico de la ciudad de Jardim de Piranhas - RN. El locus de investigación está compuesto por 169 nombres correspondientes al área urbana del municipio. Son vías públicas, barrios, fraccionamientos y plazas, recogidas del archivo municipal que tienen reconocimiento en forma de ley. Se decidió investigar, clasificar y analizar los topónimos catalogados. A partir del proceso de construcción del concepto de lugar en las clases de Geografía, se aplicó un cuestionario con alumnos de la Escuela Estatal Amaro Cavalcanti con el fin de establecer una lectura crítica del lugar desde una percepción topográfica, posibilitando el reconocimiento social, político, aspectos culturales y geográficos el lugar donde viven. Los resultados permitieron validar positiva e interdisciplinariamente que existe un patrón topográfico entre el acto de nombrar espacios públicos y el homenaje a representantes del poder político, miembros de familias tradicionales y elementos religiosos frente a elementos físicos de la región como una forma de imprimir las relaciones de posesión y poder.

PALABRAS-CLAVE: toponimia, lugar, identidad, Geografía, docencia.

47

INTRODUÇÃO

Ao se estudar o nome dos lugares, pode-se também aprender sobre a realidade do grupo que o habita: aspectos sociais, políticos, culturais e geográficos. É uma oportunidade de utilizar-se do nome de batismo dos espaços públicos para contribuir para as aulas de Geografia do Ensino Médio, especialmente em relação ao estudo do lugar objetivando proporcionar encontros produtivos entre a disciplina, teorias, práticas e, sobretudo, entre pessoas.

Este artigo apresenta os resultados de uma investigação a respeito da nomenclatura dos logradouros públicos, bairros e praças da área urbana do município de Jardim de Piranhas – RN. Para tanto, empreendeu-se um estudo sobre os topônimos¹, ou seja, nomes próprios de lugares, sua origem e evolução.

¹ Termo de origem grega. Decompondo-se em topos (lugar) + onyma (nome, designação)

Neste sentido, realizou-se uma investigação a respeito dos logradouros da cidade. O estudo busca afirmar que é possível a partir de uma análise dos topônimos compreender o conceito de lugar, território e identidade regional. O que os nomes destes lugares reproduzem, conforme os registros históricos do povoamento desta região?

No Brasil, tendo em vista a ação de nomear alguns lugares com denominações próprias, houve a necessidade de elevar também a importância do estudo e do (re)conhecimento da história nacional por meio do inventário desses nomes através de uma nova ciência, denominada Toponímia².

[...] A Toponímia é uma herança preciosa das culturas passadas. Batizar as costas e as baías das regiões litorâneas sempre foi a primeira tarefa dos descobridores. Um verdadeiro tapete de nomes recobre a terra que se torna assim objeto de estudo. O batismo do espaço e de todos os pontos importantes não é feito somente para ajudar uns aos outros a se referenciar. Trata-se de uma verdadeira tomada de posse (simbólica ou real) do espaço. (CLAVAL, 2007, p.189).

48

Toponímia caracteriza-se pela interdisciplinaridade. É considerada uma parte da linguística, com fortes ligações com a Letras, História e Geografia. Na Geografia seus estudos servem para análise e compreensão do conceito de lugar, território e identidade. Torna-se relevante identificar o perfil toponímico da área urbana do município como o objetivo de propor uma aprendizagem significativa da leitura dos espaços geográficos no ensino de Geografia.

Considerando assim, a cidade como produto do processo de construção e expressão humana, a ciência geográfica encontra no estudo toponímico um vasto campo de análise, seja em um recorte temporal atual ou no passado. Para este estudo Abreu (1998, p. 93-94) discorre sobre o assunto, afirmando que

² Toponímia estuda o nome dos lugares e designativos geográficos: física, humano, antrópico ou cultural. Para Dick (1990, p. 36) Essa é a ciência que se dedica ao estudo dos nomes de forma genérica, levado em conta o caráter motivacional na formação deles.

[...] nada impede da Geografia estudar o passado. Não há razão também para que ela se limite à recuperação das formas morfológicas que restaram dele. As análises complexas e abrangentes que a disciplina vem fazendo para compreender o momento atual de globalização podem também ser feitas para os tempos passados, bastando para isso que façamos as necessárias correções metodológicas.

Portanto, o entendimento da Geografia como uma modalidade de análise histórica dos processos formadores da cidade e do território urbano dela constituído é, para Morais (2000), a visão da geografia humana como uma história territorial. Desse modo, o processo nomear lugares é uma forma de refletir acerca das transformações e mutações do território e suas territorialidades na formação das sociedades urbanas.

O território está imerso em relações de dominação e apropriação do espaço geográfico que vai da dominação político-econômica a cultural-simbólica. Cabe aqui, distinguir território e territorialidade para reconhecermos o sentido simbólico para a construção da identidade.

O território envolve sempre relações de poder, econômico-políticos e simbólico-culturais, tem identificação e simbologia de alguém ou um grupo de indivíduos através de referências simbólicas, a exemplo a denominação dos espaços públicos de uma cidade. Assim o território muitas vezes é associado a lógica política, um governo sobre município, ou uma base física, uma fração de espaço geográfico delimitado e apropriado através de critérios políticos, econômicos e culturais. Segundo Haesbaert (1999, p. 185-186),

49

O território envolve não somente um “ter” mediador de relações de poder (político-econômico) sobre parcelas do espaço, ele compõe também o “ser”. Ao mesmo tempo prisão e liberdade, lugar e rede, fronteira e coração, o território de identidade pode ser uma prisão que esconde e que opriime ou uma rede que se abre e se conecta a um coração que emana poesia e novos significados.

No processo de construção e apropriação do território criam-se um conjunto de ações colocando-o como uma área procriada e ocupada por determinado grupo social. Essas ações seriam resultado de um lado da aceitação de uns grupos sociais decorrente da existência da diferenciação espacial e de outro lado projetos de reprodução social.

Tomaremos como referência a análise sobre o território de Haesbaert em sua obra “O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade”, de 2004, a respeito das dinâmicas territoriais. A concepção é de uma dimensão espacial que se revela em processos de dominação mais concretos, tanto pela produção material quanto em termos imateriais na produção de identidade e simbolismo com o lugar.

[...] o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espacó, desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais “concreta” e “funcional” à apropriação mais subjetiva e/ou “cultural-simbólica” (HAESBAERT, 2004, p. 95-96).

50

O território, portanto, é a síntese de um instrumento de dominação política e um espaço de identidade cultural e territorialidades. A territorialidade se apresenta com o sentido de pertencimento, uso e vivência em um recorte do espaço. Trata-se de uma dimensão mais estrita, como as pessoas se organizam e dão significado ao lugar. Nesse sentido, a toponímia está estreitamente relacionada com as relações de poder.

Posto isso, o ponto de partida foi catalogar e analisar os topônimos da cidade de Jardim de Piranhas, do ponto de vista qualitativo e quantitativo a partir do livro de atas da Câmara Municipal de Jardim de Piranhas analisando os mecanismos de nomeação atentando para as relações entre o número de topônimos, sua classificação e as razões que influenciaram nas denominações desses lugares.

A existência desses dados auxilia na criação da identidade local do município. Desse modo, são de grande relevância os resultados da pesquisa, uma vez que, ao identificar-se os signos motivadores, suas origens e sua evolução toponímica, resgata-se os valores inseridos na base histórico-social da região estudada.

A relação entre toponímia e poder é muito evidente, nomes em geral estabelecidos por lei, na maioria dos casos sem consulta prévia à população e impostos pelas autoridades. É uma honra ao ocupante do poder ter o seu nome marcado para além da história do município.

Um dos produtos do processo territorial de batizar os lugares é a construção da identidade associada a grupos familiares que alternam o poder em seu projeto de dominação na política regional e local, estadual e municipal. No Brasil temos traços marcantes que personalizam esta afirmação. O estado do Maranhão sobre a liderança de José Sarney foi marcado pela forte influência desta oligarquia (*sarneísmo*) com direta condução no ato de nomear municípios, obras de infraestrutura e monumentos públicos³. O mesmo ocorre no estado da Bahia sobre a oligarquia Magalhães. “São homenagens explícitas ao poder e representados em todas as regiões do estado” (RAMOS, 2008, p. 236).

51

O Rio Grande do Norte, que abriga o município de estudo, é fortemente marcado pela organização familiar Albuquerque Maranhão⁴ que esteve à frente do poder estadual demarcando uma grande porção do espaço com os nomes de seus membros. No início da administração foi notável a criação dos grupos escolares espalhados pelo estado com interesse em manter a sustentação política através da impressão dos nomes frente a coletividade. Com o passar do tempo

³ Após ser eleito governador do Maranhão em 1965, José Sarney inicia um período chamado na literatura política local de *sarneísmo*. Hoje o estado conta com cidade, obras, bens públicos e 161 escolas espalhadas pelo estado que expressam em seu batismo o culto à família Sarney.

⁴ Ao que se foi possível apurar por meio da historiografia potiguar, coube ao fundador do Partido Republicano, Pedro Velho de Albuquerque Maranhão inaugurar o sistema oligárquico no Estado onde a base econômica dessa primeira oligarquia, foi o açúcar.

outros grupos políticos também trouxeram uma nova dinâmica a toponímia do Rio Grande do Norte com o fortalecimento de outros centros de comando, à exemplo da região do litoral, predominando as oligarquias açucareiro-têxtil e no Seridó, algodoeiro-pecuária (SPINELLI, 1992). O Seridó, nome da região de acentuada identidade regional e origem de membros que também assumiram a administração pública estadual.⁵

Ainda com relação as oligarquias potiguaras algumas famílias adentraram na política a partir dos anos 1960 reconhecidas pelos seus impérios empresariais. Podemos citar a oligarquia Alves no ramo da comunicação⁶. Outras famílias também se edificaram, é o caso dos Maia, iniciando com Tarcísio Maia como deputado federal no período de 1959 a 1963 e designado governador em 1975 e fazendo sucessores. Conflitos políticos pelo poder foram protagonizados pelas famílias Alves e Mariz nos anos 1950/1960 que é reforçada na monumentalização em Natal e outras cidades do estado que, segundo Barbosa (2016, p. 48), “São bustos, praças, nomes de ruas, teatros, aeroportos, escolas que receberam a denominação de alguns membros das famílias, as quais compõem o quadro oligárquico do Rio Grande do Norte.”

Cascudo (1968) e Dantas (1988) já descreviam sobre o processo de formação dos municípios potiguaras, chegando a discutir a toponímia que os batiza até a data de publicação de seus textos. A denominação dos municípios e distritos só foi regulamentada em lei⁷ no Estado do Rio Grande do Norte a partir do ano de 1992.

52

⁵ São eleitos, em 1947, José Augusto Varela, originário do litoral; em 1950, Dix-Sept-Rosado, da região oeste; em 1955, Dinarte Mariz, da região do Seridó; enfim, em 1960, Aluízio Alves, originário do sertão, conquistou o eleitorado, em grande parte urbano, revelando o deslocamento da política estadual.

⁶ A família Maia detém o controle das seguintes empresas: TV Cabugi; Rádio Cabugi (AM e FM); Rádio difusora de Mossoró; Rádio Cabugi Seridó; Rádio Cabugi de Jardim do Seridó; FM Líder (atual 104 de Paranamirim). (BARBOSA, 2016)

⁷ A Lei Complementar n. 102, de 10 de janeiro de 1992. em seu art. 17 disciplina in verbis “Na denominação dos Municípios e Distritos não se utilizarão nomes de pessoas vivas, datas ou expressões em língua estrangeira.” (RN, 1992)

Os municípios representam o poder político local a nível de Estado. Ao longo da criação dos territórios houve embates e acordos políticos que resultaram em manifestações de poder através do ato de nomear os espaços públicos. Pode-se inferir que a toponímia nem sempre refletiu a identidade regional e as manifestações culturais da população local, questões de natureza física ou econômicas, mas sim, a vontade política de poderosos locais.

A identidade é analisada em diversas áreas de conhecimento, a citar: Psicologia, História, Sociologia, Geografia etc. Relacionada tanto a individualidade quanto a coletividade existe um consenso de que a identidade é uma construção social. A identidade regional é construída ao longo da história, são elaboradas e reforçadas através de um território, ou seja, um espaço delimitado e dominado (simbolicamente pela toponímia) e está ligada ao lugar onde se vive.

"A identidade regional já é fixa, natural e imutável" (SOUSA, 2016, p. 97). Quando nos referimos a identidade regional não se remete só a questões geográficas de dimensão espacial, administrativa, fiscais etc. A interpretação de identidade regional vai além desta divisão geográfica e econômica. As relações que se estabelecem neste território são resultado de uma homogeneização de relações sociais, hábitos e cultura presentes no cotidiano. Acontece dessa forma um mesmo discurso identitário que revelam a identidade regional.

Referente ao processo de identificação regional, para Castro (1992, p. 33) a percepção é,

[...] A região é então uma fração estruturada do território. Por constituir uma estrutura, a região possui uma identidade que permite diferenciá-la do seu entorno. Essa personalidade regional possibilita sua delimitação a partir da compreensão de especificidades que ela contém. A região é, portanto, concreta, observável e delimitável. Como qualquer segmento do espaço, a região é dinâmica, historicamente construída e interage com o todo social e territorial.

Esse é o caso do município de Jardim de Piranhas, e de tantos outros que compõem a região do Seridó potiguar, cuja característica principal é a forte particularidade através das características físicas, econômicas e culturais e históricas e de como foram moldadas as biografias dos seus moradores. São personagens que ao longo da evolução do lugar acabam por deixar registros travados nos nomes dos comércios, ruas, praças e monumentos públicos.

O lugar desempenha um importante papel na compreensão de fenômenos sociais e do espaço geográfico “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 1983, p.83). Portanto, promover nas aulas de Geografia o encontro do conhecimento científico com o cotidiano dos alunos através do estudo dos topônimos é uma boa metodologia para captar conceitos geográficos e pode constituir como um elemento chave na introdução de trabalhos de campo e em um diálogo recíproco na sala de aula.

O artigo apresenta o resultado do mapeamento dos logradouros públicos, bairros e praças da área urbana do município, afim de contribuir para a construção do conhecimento geográfico, histórico e turístico. Muitas ruas de ruas, de bairros ou até mesmo o nome do município, explicam como estes surgiram e quais foram as personagens importantes da região, além de revelar a influência política e econômica de famílias, pessoas que personificam a cidade e seus moradores. Por meio dos nomes dos logradouros pode-se rememorar fatos históricos e culturais que marcaram a vida de toda uma população além de permitir a conservação do patrimônio toponomástico.

Trabalhos como este poderão gerar frutos semelhantes ao permitir a implantação da toponímia como estratégia para o estudo de lugar, identidade e território no ensino da Geografia. Além disso, esta reserva o conhecimento e o debate da história e da cultura que existe atrás dos nomes de diversas regiões e lugares.

A possibilidade de retirar inferências geográficas e sociais a partir da distribuição dos topônimos deve ancorar-se numa certeza histórica e contextualizar-se nos restantes fenômenos que dão corpo e originalidade a uma região. A pura fixação do texto, pelo menos no ponto de vista da expressão, permite o mapeamento do espaço a estudar, determinando as relações inteligíveis como o enquadramento sociocultural do bairro estabelecendo relações de sentido e significados entre termos e conceitos.

A partir dos dados, as mudanças e tendências no que dizem respeito à nomenclatura das ruas da cidade passam a ser um material de apoio que visa orientar e monitorar o desenvolvimento urbano.

O ESTUDO TOPONÍMICO

Estudar a toponímia implica na identificação de características físic-naturais, aspectos socioculturais e econômicos, fatos históricos, fatores que façam refletir sobre a memória. Portanto cada grupo social possui características próprias que são refletidas no processo de nomeação dos lugares onde habitam coletivamente sendo “uma verdadeira tomada de posse (simbólica ou real) do espaço” (CLAVAL, 2007, p.189).

55

A maior representante dos estudos relacionados a toponímia e antropónímia⁸ no Brasil é a professora e pesquisadora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick⁹, cujos estudos estão voltados para a discussão da Língua Portuguesa no curso de Letras na Universidade de São Paulo - USP.

No âmbito nacional, observamos em pesquisas já desenvolvidas na área da Toponímia, que, atualmente, não se pode assegurar um procedimento fixo ou um modelo sistêmico na seleção, coleta, análise e compreensão das pesquisas

⁸ Antropónímia (do grego *anthropos* “homem” e *onoma* “nome”). Pela própria etimologia, evidencia-se que cabe ao estudo dos nomes próprios de pessoa.

⁹ No âmbito nacional Dick apresenta as principais contribuições aos estudos toponímicos, traçando um panorama das diversas influências toponímicas brasileiras.

escolhidas. Muito dependerá do pesquisador e dos objetivos da pesquisa. Porém, observada a forte identidade cultural e influência política na região, alguns cuidados foram observados, a citar: nomenclatura do qual surgiu a expressão (físico ou antropocultural), cuidados com os regionalismos, procedência histórica e cronológica dos nomes, consonância com os conteúdos geográficos e os agentes políticos-culturais que influenciaram a designação do topônimo.

Portanto, a pesquisa toponímica não se apresenta somente como um conjunto de coleta, classificação e interpretação de nomes próprios de objetos e lugares, para posterior comprovação de acordos socioculturais, mas também informações que proporcionam uma compreensão mais ampla sobre como estas denominações foram aplicadas e conservadas em consonância com os membros da sociedade envolvidos.

O levantamento do processo de identidade das ruas do Estado do Rio Grande do Norte é um desafio que vem se perpetuando ao longo dos anos. As informações e estudos na área em questão possuem produtos de qualidade à disposição do leitor, principalmente no que se refere à capital. Podemos citar o livro *Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte*, de Luís da Câmara Cascudo (1968).

56

O historiador Câmara Cascudo discutiu a toponímia da capital potiguar com frequência. Ele argumenta contra o desconhecimento da população acerca dos personagens que emprestavam seus nomes para compor a nomenclatura das ruas. Ele propunha o estudo dos nomes das ruas como forma de conhecer a história do lugar, despertando por meio da toponímia uma relação entre o lugar social do indivíduo e a compreensão acerca da nomenclatura deste

Olhando a terra, notamos que cada acidente tem sua história. – Podemos desconhecê-la presentemente, mas ela existiu e justificou o imperturbável apelido. Houve uma razão para viver e pendurar. [...] Sentimos a presença humana no fundador, proprietário, primeiro senhor, derrubando o mato, erguendo a

casa, plantando o roçado, abrindo a picada. Nada, historicamente, poderia ter deixado de sua existência. Mas o nome ficou numa serra, num riacho, num travessão cortando-caminho, num logradouro, numa chapada deserta onde outrora mugiu o gado e vibrou o aboio. (CASCUDO, 1968, p. 34-35)

O desconhecimento do próprio espaço de vivência relacionado com a falta de reflexão em uma das formas básicas de interação social – a rua onde mora – torna possível estabelecer uma relação entre o ato de nomear e o discurso.

Na mesma linha de raciocínio, foram considerados estudos sobre topônimos produzidos regionalmente, são publicações e dissertações que retratam aspectos de gênero, políticos, socioculturais, econômicos etc. No tocante ao processo de analisar a toponimização do espaço potiguar¹⁰, há investigações e publicações a respeito das relações entre identidades de gênero e toponímia e o processo topográfico no período de expansão e transformações urbanas¹¹. Em linhas gerais, estas pesquisas podem ser entendidas como uma reação ao crescente interesse e necessidade de preservação da identidade, história, etimologia do nome e um olhar geográfico sobre a toponímia. Sendo possível a incorporação nos processos educativos com a finalidade de inovar o ensino.

No âmbito local os estudos em torno dos topônimos podem ser retirados, sobretudo de publicações que contribuem para os registros históricos do estado. São várias as publicações com finalidade literária e informações históricas. Entre as obras que contemplam a toponímia do município podemos citar o livro Denominação dos Municípios: Rio Grande do Norte de Manoel Dantas (2008). Quanto ao referencial histórico, a cidade é contemplada pelas obras de Jardim de

¹⁰ Brito (2012) analisa os imaginários e interesses investidos que caracterizaram a implantação e a legitimação da Primeira República (1889-1930) no Rio Grande do Norte, historicizando o processo de toponimização de tal espaço.

¹¹ Araújo (2013) discute o porquê de os lugares serem nomeados, a prática de nomeá-los e o processo de escolha dos nomes dos lugares de uma cidade. A obra abrange ainda os motivos que explicam a ausência das mulheres caicoenses na toponímia urbana de Caicó – RN até a década de 1960.

Piranhas: ontem e hoje de Alcimar Araújo e Erivan Sales (1994) e História do Rio Grande do Norte de Luís da Câmara Cascudo (1955). As obras estão entre as que contemplam os referenciais para a pesquisa, possuem uma análise desde a povoação inicial aos arruamentos, lugares, povoados e aspectos geográficos necessários aos resultados pretendidos durante a pesquisa.

GEOGRAFIA E ENSINO: a compreensão do conceito de lugar sobre o olhar toponímico

No ensino de Geografia é fundamental que os alunos compreendam o mundo atual, marcado por uma complexa rede de relações econômicas, sociais e culturais, que são ao mesmo tempo, globais e locais.

Neste sentido a compreensão dos seus conceitos-chaves são essenciais para que o aluno possa realizar uma efetiva transposição do senso comum para os conhecimentos científicos. Ensinar sobre o espaço geográfico, paisagem, território, lugar e região implicam em metodologias que proporcionem aos alunos utilizar o conhecimento geográfico para compreender o mundo em que vivem e que possam efetivamente contribuir para que outra realidade seja construída.

Em Geografia uma das discussões mais significativas na literatura geográfica é o estudo do lugar. Entendemos que na Geografia a pesquisa toponímica deve ser coordenada com este conceito visto que o nome dos lugares incorpora vestígios de identidade e atende de alguma forma a interesse material ou simbólico

58

No nosso entender, lugar torna-se, então, categoria central, pois trata-se da extensão/apreensão da relação (motivações) que são estabelecidas entre o homem e o próprio nome de lugar: é a sua gênese. Por isso, é essencial, a priori, conceituar lugar em uma dimensão de categoria analítica: motivacional, histórica, linguística, ideológica, social, identitária. (ANDRADE, 2017, p. 593).

A interpretação de lugar sempre esteve presente no debate geográfico, visto ser um espaço fundamental de ocupação da vida humana. A compreensão de ser-no-mundo propõe no presente um debate que envolva um contexto geográfico e social visto as transformações em curso e os novos âmbitos emergentes na localidade.

A noção de lugar evoluiu e se transformou frente as necessidades impostas pelo mundo. A Geografia definida como ciência dos lugares e não dos homens (LA BLACHE, 1914), traz a ideia de lugar associada à de localização de um fenômeno na superfície terrestre. À medida que se acentuaram as crescentes transformações no mundo o lugar passa a ser visto como parte de uma totalidade vinculado a um caráter social e histórico do espaço geográfico global.

No processo de construção do conceito de lugar, o mesmo nunca deve ser visto isolado ou independente. Em seu entendimento faz-se necessário dialogar com motivos externos e internos. “Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 1996, p. 273), ele é fundamental, pois a nível do local ele traz em si a questão de identidade e pertencimento. Compreender o lugar em que vive é compreender a história e conseguir entender o que ali acontece.

O lugar é o cotidiano de cada indivíduo, de cada grupo social, de cada agente do espaço. Para Milton Santos o lugar não está restrito à dimensão cultural ou simbólica do espaço, ou seja, não é apenas uma relação social imaterial. O lugar é simultaneamente uma materialidade e uma imaterialidade; é vivido e percebido; é a dimensão espacial do cotidiano (SANTOS, 1996).

Correspondente à porção do espaço vivido, onde as pessoas estabelecem suas relações mais diretas, sobretudo afetivas. Os lugares, apesar de terem características mundiais manifestas, também são únicos, carregados de características próprias que os diferem dos demais lugares, com aspectos físicos, sociais econômicos e políticos. Esta porção do espaço é entendida como:

[...] apropriado para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade latu sensu a menos que seja a pequena vila ou cidade – vivida/conhecida/reconhecida em todos os seus cantos. (CARLOS, 2007, p. 17)

O estudo do lugar exige identificação, aprender a conhecer sobre o bairro exige a nomeação de ruas, esquinas e outras referenciais arquitetônicas. Conforme Tuan (1983, p. 12) “os lugares são centros os quais atribuímos valor”. O mesmo autor evidencia ainda que os lugares podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, o lugar como experiência direta, próprias (*insider*) de quem vivencia. Percebido com todos os sentidos, através dos olhos ao explorar o campo visual (visão), da fragrância transportada pelo vento (olfato), do gosto com respeito as comidas típicas (paladar), a textura das formas da cidade (tato) e o som das ruas (audição). Outros lugares podem faltar o peso da realidade porque o conhecemos apenas de fora – através dos olhos de turistas, pesquisadores e da leitura de um mapa pela internet. É o lugar como experiência indireta, analisado e compreendido através de relações externas (*outsider*) Tuan (1983). O lugar atinge uma realidade concreta quando nossa experiência com ele é total

60

Quanto demora para se conhecer um lugar?, o homem moderno se movimenta tanto, que não tem tempo de criar raízes; sua experiência e apreciação do lugar é superficial. Sentir o lugar leva mais tempo. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se por, de trabalhar e brincar. Conhecer um lugar, nos sentidos citados anteriormente, certamente leva tempo. Com o tempo nos familiarizamos com o lugar, o que quer dizer que cada vez mais o consideramos conhecido. (TUAN, 1983, p. 203)

A denominação dos lugares revela uma apropriação simbólica, “nomear os lugares é impregná-los de cultura e de poder” (CLAVAL, 2007, p.200). Isso torna a toponímia indispensável para o estudo de grupos que se impõem e se

reconhecem nos lugares onde costuma frequentar e viver. O batismo dos lugares demonstra uma relação de poder e ocupação do território. Para falar de um lugar ou de um ambiente faz-se necessário recorrer ao batismo como forma de qualificar os diferentes espaços. A esse respeito,

As sociedades sedentárias e organizadas têm necessidade de uma toponímia fixa. As relações complexas só são possíveis quando os indivíduos ou os grupos podem ser localizados e os caminhos são guiados por referenciais bem visíveis na paisagem. O poder apropria-se das terras fazendo constar nos registros, planos ou mapas as coleções de nomes de lugares. (CLAVAL, 2007, p.201)

Ao propor o estudo dos topônimos do município como possibilidade de os alunos se apropriarem das histórias da sua própria vida, conduz a um processo de construção do espaço que lhe é imediato, próximo e possível de observar concretamente.

Estudar e compreender o lugar é fundamental para tornar o estudo da Geografia significativo, visto o processo de reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares. A Geografia escolar, aquela que se ensina e se aprende na escola, potencializa e amplia a leitura do lugar em que o aluno vive. Há várias possibilidades de estudar o lugar: livros didáticos, vídeos, fotografias, notícias vinculadas na internet, mapas, roteiros etc. Segundo Callai (2000, p. 125-126), sobre o estudo:

61

Vários são os lugares possíveis de se estudar. O importante é que sejam lugares significativos para a vida dos alunos. Poder-se-ia falar em espaços do cotidiano. No cotidiano das nossas vidas, expressam-se as regras gerais do mundo globalizado. [...] Lugares do cotidiano de nossas vidas funcionam como laboratórios para compreender o mundo e as diferentes formas de vida do homem.

É importante que os alunos tenham condições para identificar as particularidades do lugar em que vivem, assim como as diferentes relações que esse lugar estabelece em outros lugares do planeta. Com base na realidade do

lugar nas quais as aprendizagens são situadas se faz necessário segundo a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018, p.16) trabalhar ações que permitem “contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos”.

De acordo com a BNCC, A Geografia tem um importante papel no desenvolver do pensamento espacial dos alunos ao estimular o seu raciocínio geográfico, tanto para representar quanto para interpretar os constantes movimentos de transformação do espaço geográfico. No entanto para que isso aconteça, é fundamental que os alunos apropriem de conceitos geográficos que certamente os auxiliarão a interpretar a realidade em que vivem.

Nessa direção, a BNCC está organizada com base nos principais conceitos da Geografia contemporânea, diferentes por níveis de complexidade. Embora o espaço seja o conceito mais amplo e complexo da Geografia, é necessário que os alunos dominem outros conceitos mais operacionais e que expressam aspectos diferentes do espaço geográfico. (BNCC, 2018, p. 361)

62

No processo de ensino da Geografia é necessário promover situações por meio das quais os alunos possam refletir a respeito das relações sociais, culturais, econômicas e naturais em conjunto, reconhecendo tanto suas particularidades em escala local, a exemplo o espaço vivido por eles, quanto as características dessas relações em escala global.

Portanto o lugar, enquanto espaço percebido e que possui significados efetivos é o conceito que permite utilizar da realidade vivenciada com o contexto toponímico construído ao longo da rede urbana do município em estudo.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MUNICÍPIO DE JARDIM DE PIRANHAS E A REGIÃO DO SERIDÓ

Nesta análise cabe esclarecer o que vem a ser município, pois a sede deste é sempre uma cidade, esta capaz de exercer influências diversas, destacando as econômicas e políticas. Nesse contexto, cabe a interpretação de Pinto (2003, p.29) para a compreensão entre município e cidade:

O município é a menor unidade territorial brasileira com governo próprio, é formado pelo distrito-sede, onde acha-se localizada a cidade, que é a sede municipal e que leva o mesmo nome do município e, que corresponde à zona urbana municipal e; também, pelo território ao seu entorno, a zona rural municipal, que pode ser dividida em distritos, cuja maior povoação recebe, geralmente, o nome de vila.

O surgimento do Município de Jardim de Piranhas está relacionado a uma aglomeração humana que deu origem ao povoado localizado às margens do Piranhas-Açu¹², cujas terras férteis permitiram a atividade da agricultura de subsistência e a criação de gado. De acordo com a historiografia regional:

[...] no local onde hoje se ergue a cidade, existia a Fazenda Jardim, à margem direita do Rio Piranhas. Sua proprietária, Margarida Cardoso Cavalcante, concedeu terreno para a edificação de uma capela que foi erguida por volta de 1710 sob a invocação de Nossa Senhora dos Aflitos. Nos arredores da capela surgiu a povoação que recebeu o nome de Jardim de Piranhas devido a sua formação em terras da antiga Fazenda Jardim e à proximidade com o Rio Piranhas. (DANTAS, 1962 apud MORAIS, 2016, p. 314)

63

O povoado foi transformado em distrito de paz do município de Caicó, em 1859¹³. Criado em 1948, o município de Jardim de Piranhas surgiu pelo desmembramento do município de Caicó. (MORAIS, 2016)

Segundo o último censo realizado em 2010, A população total residente era de 13.506 habitantes, dos quais 6.724 são do sexo masculino (49,79%) e 6.782 do sexo feminino (50,21%), sendo que 10.596 vivem na área urbana (78,45%) e 2.910

¹² Açu é uma palavra indígena, do tupi-guarani, que define grande, maior ou enorme.

¹³ CASCUDO, Luís da Câmara. História do Rio Grande do Norte, p. 346: Lei n. 435 de 09 de abril de 1859.

na área rural (21,55%). A população atual estimada é de 14.837 habitantes (IBGE, 2019). A densidade demográfica é de 40,86 hab/km².

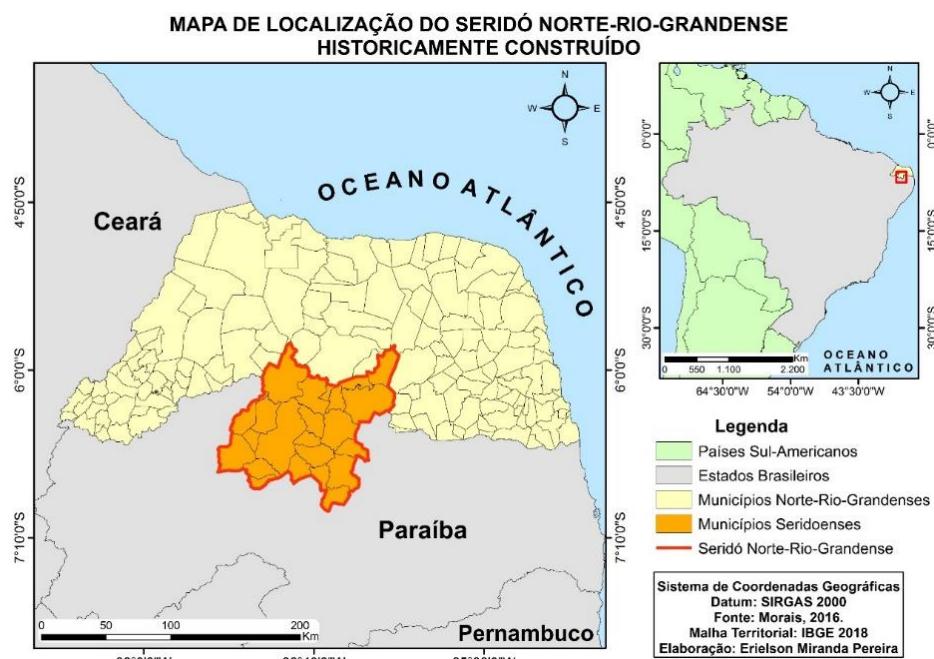
A cidade de Jardim de Piranhas apresenta atualmente uma configuração espacial que compreende 09 (nove) bairros¹⁴, 4 (quatro) loteamentos, 6 (seis) praças, 7 (sete) avenidas e 143 ruas¹⁵ que constituem o núcleo urbano da cidade onde a RN 288 é a principal via de acesso a cidade denominada de Avenida Rio Branco.

O município de Jardim de Piranhas fica distante cerca de 300km de Natal e conforme a figura 1 está localizado em uma das regiões homogêneas inseridas dentro do semiárido nordestino que formam o espaço geográfico do estado do Rio Grande do Norte, o Seridó norte-rio-grandense, que de acordo com Morais (2016, p.23) "No Rio Grande do Norte, o termo Seridó é mais que a designação de um dado espaço; tornou-se referencial de uma identidade espacial com forte conteúdo histórico-cultural."

Figura 1: Região do Seridó Norte-rio-grandense

¹⁴ De acordo com a última Lei Municipal nº 5.666/2004 que dá denominação aos bairros do município a cidade ficou dividida em 09 bairros: Vila do Rio, Centro, São José, Santo Amaro, Santa Cecília, Nova Jardim, Emboca, Santa Maria e Floresta.

¹⁵ Todas as ruas, avenidas, loteamentos e praças da cidade possuem registro em lei que as denomina individualmente do ano de 1953 a 2017 conforme arquivo municipal.



Fonte: Autor, 2019

Ainda no tocante a região, tomamos como base teórica para descrever e compreender a região do Seridó os estudos de Ione Rodrigues Diniz Morais que buscam identificar e retratar sobretudo o território seridoense com o objetivo de promover o desenvolvimento territorial e melhorar a qualidade de vida da população residente. Ione firma que a região do Seridó potiguar é formada por 23 municípios representados como um espaço constituído por um povo resistente às adversidades naturais e às crises econômicas. A construção da identidade da sociedade seridoense se reflete nas suas representações, traços culturais, econômicos e de estilo e são retratados de forma integral na região. Como destaca Morais (2016, p. 452),

65

A reestruturação do Seridó, em sua fase recente, foi marcada pelo recrudescimento das manifestações identitárias. Objetos, personagens, práticas, discursos e imagens da região, impregnados de identidade, conformaram matrizes simbólicas que fizeram da economia, da política e da cultura um cenário de resistência. Nesse constructo, a sociedade seridoense reinventou-se no plano de vivências cotidianas em um contexto de urbanização terciária e de reavivamento do sentido de pertença.

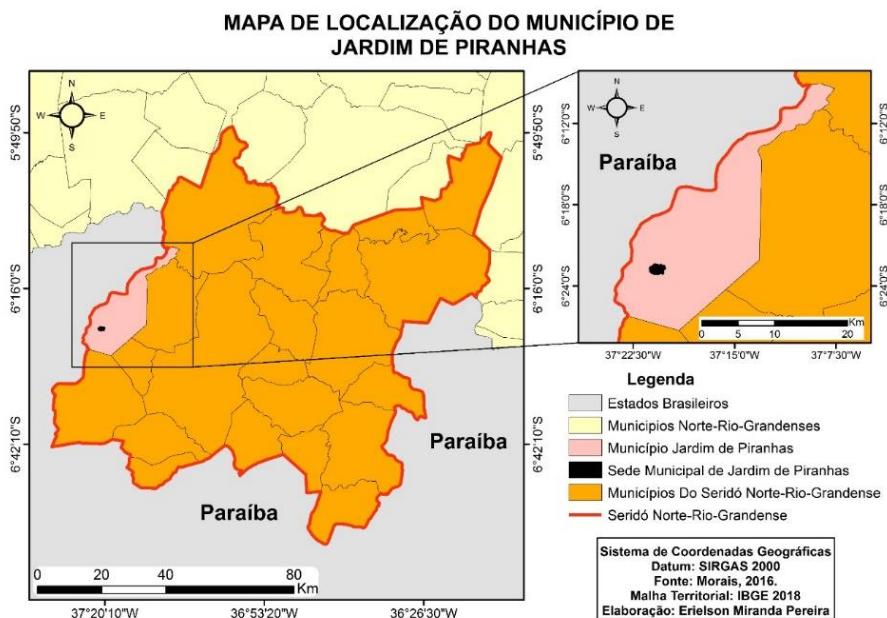
A identidade regional seridoense ultrapassa a espacialidade do município, o recorte regional que corresponde ao Seridó indica uma qualificação, apropriação e construção das representações que o denomina. Observamos no topônimo que “batiza” o espaço seridoense a valorização da importância do nome no sentido imaginário, cartográfico e identitário.

Estabelecendo relação entre esta abordagem e a manifestação da identidade seridoense, comprehende-se o porquê da recorrência ao nome Seridó na designação dos *seres* e das *coisas* regionais. Seridó nomeia o rio que deu nome à ribeira; ribeira que serviu de matriz cartográfica a região; região que se constituiu um território socialmente organizado, espaço concreto de vivências, espaço simbólico de referência identitária. (MORAIS, 2016, p. 452-453)

A escolha da área urbana do município, representado na figura 2 como Sede municipal de Jardim de Piranhas, configura a toponímia urbana da cidade desde o surgimento em 1948 conforme já citado anteriormente. A possibilidade de acesso as fontes e documentos públicos permitiram analisar as designações dos topônimos, a caracterização da estrutura urbana concentrada na região de início da formação da cidade e a possibilidade de discutir os processos de identificação e relações de identidade entre as particularidades dentro da região do Seridó.

66

Figura 2: Localização da área de estudo



Fonte: Autor, 2019

Devemos registrar que a cidade tem as suas particularidades dentro da região do Seridó¹⁶ com determinantes socioeconômicos, políticos e culturais de sua formação territorial a partir da consolidação do centro urbano em Jardim de Piranhas.

67

DESCRÍÇÃO METODOLÓGICA DO ESTUDO DESENVOLVIDO

O lócus investigativo constitui-se das ruas da cidade de Jardim de Piranhas/RN vivenciadas pelos alunos e professores de Geografia da rede pública estadual. Para apoiar o estudo quanto ao entendimento teórico do tema toponímia e sua relevância na compreensão sociolinguística de um determinado espaço utilizou-se a metodologia de Dick (1986, 1990).

Como já referido, o topônimo é o nome de um lugar, um nome geográfico, um identificador de posição, um ponto de referência, um histórico de uma

¹⁶ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a partir de 2017 com a nova Divisão Regional do Brasil apresenta um novo quadro regional. Substitui as antigas unidades subestaduais, mesorregionais e microrregionais, por Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias.

sociedade, um legado de uma nação para tradição oral. Nesse contexto, a pesquisadora traz o papel humano em meio ao processo de nomeação de lugar

Verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registradas nos mais diversos momentos de vida de uma população encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato de nomeação: se a Toponímia situa-se como uma crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal (DICK, 1990, p. 21-22).

Em relação à toponímia do Brasil, Dick (1990) pontua que essa é cíclica, os nomes de lugar podem se repetir de forma periódica (tem estrita relação com formação étnica da população), heterogênea e mestiça (sua formação remete ao passado e aos habitantes do lugar) em uma diversidade que não altera a unidade nacional comum.

Dick (1986, p.39 – 40) classificou os topônimos em contextos diversificados, o qual os organizou em taxionomias. Ao que se pode observar nos quadros 1 e 2, são 27 taxinomias, assim distribuídas: 11 taxes de natureza física (caracterizam o ambiente em todos os aspectos que compõem sua formação – rios, córregos, dimensões, formações topográficas, árvores, animais etc.) e 16 taxes de natureza antropocultural (caracterizam as manifestações psíquicas, sociais e culturais do homem, no meio em que se encontra – estado de ânimo, sentimentos, nomes próprios, nomes de cidades, estados, países, títulos).

Quadro 1: Classificação dos topônimos de natureza física

Classificação toponímica	Definição	Exemplo
<i>Astrotopônimo</i>	Topônimo referente aos nomes dos corpos celestes	<i>Saturno - ES</i>
<i>Cardinotopônimo</i>	Topônimo referente às posições geográficas em geral.	<i>Lagoa do Sul - SC</i>
<i>Cromotopônimo</i>	Topônimo referente às cores	<i>Rio Pardo - SP</i>
<i>Dimensiotoxônimo</i>	Topônimo referente às características do acidente.	<i>Riacho Grosso - SE</i>
<i>Fitotopônimo</i>	Topônimo referente aos nomes de vegetais	<i>Pinheiral - RJ</i>

<i>Geomorfotopônimo</i>	Topônimo referente às formas topográficas e às formações litorâneas	<i>Costa rica - MT</i>
<i>Hidrotopônimo</i>	Topônimo referente aos acidentes hidrográficos	<i>Foz do Riozinho - AM</i>
<i>Litotopônimo</i>	Topônimo de ídole mineral, relativos à constituição do solo	<i>Pedreiras - MG</i>
<i>Meteorotopônimos</i>	Topônimo referente aos fenômenos atmosféricos	<i>Riacho das Neves - BA</i>
<i>Morfotopônimos</i>	Topônimo referente aos sentidos e formas geométricas	<i>Triângulo - MT</i>
<i>Zootopônimos</i>	Topônimo de ídole animal.	<i>Vacaria - RS</i>

Fonte: Dick (1986, p.39 – 40)

Quadro 2: Classificação dos topônimos de natureza antropocultural

Classificação toponímica	Definição	Exemplo
<i>Animotopônimo (ou Nootopônimo)</i>	Topônimo referente à vida psíquica e à cultura espiritual.	<i>Triunfo - AC</i>
<i>Antropotopônimo</i>	Topônimo referente aos nomes próprios e individuais.	<i>Fernão Velho - AL</i>
<i>Axiotopônimos</i>	Topônimo referente aos títulos e às dignidades.	<i>Doutor Pedrinho - SC</i>
<i>Corotopônimos</i>	Topônimo referente aos nomes de cidades, países, regiões ou continentes.	<i>Amazonas - BA</i>
<i>Cronotopônimos</i>	Topônimo referente às indicações cronológicas	<i>Nova Viçosa - BA</i>
<i>Ecotopônimos</i>	Topônimo referente às habitações de modo geral.	<i>Ocauçu - SP</i>
<i>Ergotopônimo</i>	Topônimo referente aos elementos da cultura.	<i>Relógio - PR</i>
<i>Etnotopônimos</i>	Topônimo referente aos elementos étnicos isolados.	<i>Rio Xavante - MT</i>
<i>Dirrematotopônimo</i>	Topônimo constituído de frases ou enunciados linguísticos.	<i>Valha-me Deus - MA</i>
<i>Hierotopônimo</i>	Topônimo referente aos nomes sagrados. (Hagiotopônimo, quando há referência aos santos e santas do hagiólgio romano; e Mitotopônimo quando há referência às entidades mitológicas).	<i>Cruzes - PE; São Pedro - SC (hagiotopônimo) Curupira - AM (Mitotopônimo)</i>
<i>Historiotopônimo</i>	Topônimo referente aos movimentos histórico-sociais e aos seus membros.	<i>Independência - AC</i>
<i>Hodotopônimo</i>	Topônimo referente às vias de comunicação rural ou urbana.	<i>Córrego do Atalho - GO</i>
<i>Numerotopônimos</i>	Topônimo referente aos adjetivos numerais.	<i>Duas Pontes - RO</i>

<i>Poliotopônimos</i>	Topônimo constituído pelos vocábulos aldeia, vila, povoação, arraial.	<i>Rio da Cidade - RJ</i>
<i>Sociotopônimo</i>	Topônimo referente às atividades profissionais ou a ponto de encontros	<i>Oficina - MG</i>
<i>Somatopônimos</i>	Topônimos referentes às relações metafóricas das partes do corpo humano ou animal.	<i>Rio da Mão Esquerda - AL</i>

Fonte: Dick (1986, p.39 – 40)

As taxionomias de Dick, abrangem com perfeição a motivação do processo de nomeação. O importante neste modelo é que é todo trabalhado no ambiente brasileiro e todo estruturado em nossa língua, o que favorece a pesquisa dos topônimos. Neles a autora demonstra os tipos de estudo, o campo de pesquisa e atuação da toponímia, além de exemplos da relação entre os nomes e os locais.

Os procedimentos utilizados corresponderam no princípio à pesquisa bibliográfica e documental para fins de embasamento teórico acerca de conceitos pertinentes a Geografia e Toponímia. A pesquisa bibliográfica tomou como base autores no âmbito nacional, locais e regionais, visando a compreensão dos aspectos históricos e geográficos relativos à área de estudo. A pesquisa documental foi realizada em banco de dados literários e no Livro de Atas da Câmara Municipal de Jardim de Piranhas para obter informações sobre os topônimos que constituíam a área urbana da cidade, objeto de estudo.

70

Por meio dos dados coletados, foi possível pôr em prática a classificação taxionômica de Dick. O quadro a seguir representa os dados pesquisados e analisados por topônimo, elemento geográfico, natureza do topônimo e classificação taxionômica em ordem alfabética das ruas, avenidas, loteamentos, bairros e praças da área urbana do município.

Quadro 3: Apresentação dos dados

Topônimo	Elemento Geográfico	Natureza do Topônimo	Classificação Taxionômica
15 de Novembro	Rua	Antropocultural	Historiotopônimo
1º de Maio	Rua	Antropocultural	Historiotopônimo

Adelaide Dantas Saraiva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Adonias Delmiro Dantas	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Algusto Gomes Cavalcante	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Alvorada	Rua	Físico	Meteorotopônimos
Amando Bezerra Cabral	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Amaro Amari da Silva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Amaro Cavalcante	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Amélia Araújo	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Ana Amélia Maia da Silva Estevam	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Angelim Gomes da Silva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Antônio Borges Silva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Antônio da Silva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Antônio Dantas de Sousa	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Antônio Dantas Filho	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Antônio Virginio	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Aplígio Pereira Santos	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Apolônio Isauro de Oliveira	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Artur Ambrósio de Assis	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Artur Ribas	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Aurita Dutra de Oliveira	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Benedita Dantas de Queiroz	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Benedito Dantas Santiago	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Benjamin Constante	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Cap. José Vicente	Rua	Antropocultural	Axiotopônimo
Cel. Cambocim	Rua	Antropocultural	Axiotopônimo
Cel. João Florêncio	Rua	Antropocultural	Axiotopônimo
Celso Algusto Freire	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Cícero Joaquim da Costa	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Cícero Paulino de Araújo	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Claudenor Dantas	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Delmiro Vieira de Lira	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Detróvia Pereira de Nóbrega	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Dr. Gevacy de Freitas	Rua	Antropocultural	Axiotopônimo
Dr. Osvaldo Lôbo	Rua	Antropocultural	Axiotopônimo
Duque de Caxias	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Edimilson Fernandes Santiago	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Edivan Cavalcanti Leite	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Edson Borges da Silva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Elviro Elio dos Santos	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Emiliano Ferreira de Paula	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Espiridião Garcione Medeiros	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Eutônídio Alves dos Santos	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Evaristo Mariano de Santos	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Evídio Mariano dos Santos	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo

Evilásil Gentil de Araújo	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Expedita Cavalcanti	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Filemon Elpídio de Medeiros	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Francisca Adeleade Santiago	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Francisca Gonçalves de Melo	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Francisca Maria da Conceição	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Francisca Rodrigues Maia	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Francisca Soares Dutra	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Francisco Borges Sobrinho	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Francisco de Assis Medeiros	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Francisco Eloí de Sousa	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Francisco Fernandes de Araújo	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Francisco Gregório Araújo	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Francisco Julião Fernando	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Francisco Leonidas Lopes	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Francisco Luiz dos Santos	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
General Clóvis Gomes da Silva	Rua	Antropocultural	Axiotopônimo
Geraçy de Freitas	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Guilherme Pereira	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Guilhermino de Oliveira	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Henrique Ferreira de Araújo	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Heriberto Gomes	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Horácio Honorato dos Santos	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Inácio Eupídio de Medeiros	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Inês Rodrigues	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Izabel Maria da Conceição	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Janúncio de Freitas	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Joana D'arc Dantas	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
João Alves de Oliveira	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
João Câmara	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
João Dantas da Silva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
João Garcia de Medeiros	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
João Germano da Silva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
João Gonçalves	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
João Gonçalves Maia	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
João José Batista	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Joaquim Dutra de Oliveira	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Joaquim Pereira Monteiro	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Joaquim Dutra de Oliveira Neto	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
José Calixto de Medeiros	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
José Gentil de Araújo	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
José Leandro da Cruz	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
José Manoel dos Santos	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
José Pereira da Silva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo

José Rodrigues dos Santos	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
José Soares da Silva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Josimar Araújo	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Julião Minervino	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Ladislau Batista de Araújo	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Leonísio Nogueira	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Linuitivo Bolaiuva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Luís Amadeu dos Santos	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Luiz Dutra de Almeida	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Manoel Alves de Oliveira	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Manoel Antônio da Silva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Manoel Clementino Dantas	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Manoel Fernandes	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Manoel Pereira Filho	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Manoel Rodrigues dos Santos	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Marechal Deodoro	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Margarida Cardoso	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Maria Araújo	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Maria Borges da Silva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Maria Clara da Costa	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Maria de Lourdes da Silva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Maria Dona de Araújo	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Maria Donina Maia	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Maria Izaura Vale	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Maria Leonízia Saraiva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Maria Virgínia Santos	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Marluce Soares de Brito	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Martins Soares Dutra	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Miguel Ferreira de Medeiros	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Osvaldo Borges da Silva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Otacílio Fernandes Santiago	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Padre João Maria	Rua	Antropocultural	Axiotopônimo
Paula Lizany de Oliveira Rodrigues	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Pedro Batista de Araújo	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Pedro Celestino Pereira	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Pedro Gomes de Oliveira	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Pedro Neto Dantas	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Pedro Plácido de Oliveira	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Pedro Velho	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Profª. Maria Edite Batista	Rua	Antropocultural	Axiotopônimo
Raimundo Febre Dutra	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Rita Tereza de Araújo	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Sandoval Araújo	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Santina Eudice de Sousa	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo

Sérvila Rodrigues de Sousa	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Severino Ambrósio Maia	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Severino David Dantas	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Severino Germano Cavalcanti	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Severino Rezende de Oliveira	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Valdemar Soares de Brito	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Valdimir Dantas	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Valgenir Guedes da Silva	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Zacarias José de Medeiros	Rua	Antropocultural	Antrotopônimo
Antônio Dutra de Oliveira	Avenida	Antropocultural	Antrotopônimo
Francisco Amâncio da Silva	Avenida	Antropocultural	Antrotopônimo
Francisco Rodrigues dos Santos	Avenida	Antropocultural	Antrotopônimo
Gov. Dix. Sept Rosado	Avenida	Antropocultural	Axiotopônimo
João Ermínio Fernandes	Avenida	Antropocultural	Antrotopônimo
Plínio Saldanha	Avenida	Antropocultural	Antrotopônimo
Rio Branco	Avenida	Físico	Cromotopônimo
Centro	Bairro	Físico	Cardinotopônimo
Emboca	Bairro	Físico	Hidrotopônimo
Floresta	Bairro	Físico	Fitotopônimo
Nova Jardim	Bairro	Físico	Fitotopônimo
Santa Cecília	Bairro	Antropocultural	Hierotopônimo
Santa Maria	Bairro	Antropocultural	Hierotopônimo
Santo Amaro	Bairro	Antropocultural	Hierotopônimo
São José	Bairro	Antropocultural	Hierotopônimo
Vila do Rio	Bairro	Físico	Hidrotopônimo
Cardinal Primeiro de Araújo	Loteamento	Antropocultural	Axiotopônimo
Parque das Luzes	Loteamento	Físico	Meteorotopônimos
Santa Rita de Cássia	Loteamento	Antropocultural	Hierotopônimo
Zacarias Dantas de Medeiros	Loteamento	Antropocultural	Antrotopônimo
Antônio Soares de Brito	Praça	Antropocultural	Antrotopônimo
Getúlio Vargas	Praça	Antropocultural	Antrotopônimo
Plínio Saldanha	Praça	Antropocultural	Antrotopônimo
Prefeito Geoci Vale de Freitas	Praça	Antropocultural	Axiotopônimo
Matriz - Padre João Maria	Praça	Antropocultural	Axiotopônimo
Santa Cecília	Praça	Antropocultural	Hierotopônimo

Fonte: Autor(2019)

A Escola Estadual Amaro Cavalcanti, localizada na área urbana do município de Jardim de Piranhas no bairro Santa Cecília foi a base aplicação e explanação sobre os resultados da pesquisa com os alunos do Primeiro ano do Ensino Médio visto que a BNCC, documento que norteia os currículos em nível nacional, deixa

aberto para as propostas regionais e estaduais, que valorizam o "mundo vivido", demonstrando ao longo do documento que este mundo vivido tem no "lugar vivido" seu ponto de partida.

Os conceitos-chaves de Geografia, entre eles o que engloba a definição de lugar, são trabalhados no Primeiro Ano desta modalidade de ensino da Educação Básica. Uma abordagem colaborativa com a pesquisa toponímica surge como forma de dar continuidade do processo de formação e refletir sobre esta temática na comunidade ampliando ainda mais os saberes científicos.

A partir do levantamento de dados e com os registros em mãos foi aplicado um questionário preestabelecido aos alunos com o propósito de realizar um estudo sobre a Toponímia e promover uma reflexão sobre como os educandos detêm o conhecimento toponímico, especificamente sobre rua onde mora.

Quadro 04: Questionário toponímico

IDENTIFICAÇÃO DO MORADOR
Nome do aluno:
Endereço (nome da rua e bairro onde mora):
PERGUNTAS:
1. Por que a rua tem esse nome:
2. Por que o bairro tem esse nome:
3. A escola se chama Amaro Cavalcanti. O que você sabe sobre o homem que o nome da escola homenageia.

75

Fonte: Autor (2019)

Foi realizada a leitura dos instrumentos de pesquisa para facilitar o entendimento, seguido de respostas aos questionários. O controle de qualidade deu-se com a revisão, digitação e edição dos dados pelo proponente pesquisador.

CONCLUSÃO

Os estudos trouxeram à tona e elucidaram a compreensão sobre o nome, de modo particular, os nomes das ruas, locais de vivência dos alunos que participaram da pesquisa aplicada na Escola Amaro Cavalcanti, os quais foram

fundamentais para compreender como os grupos sociais se organizaram na região e articularam a partir do ato de nomear os espaços públicos da área urbano do município de Jardim de Piranhas - RN.

Quanto ao questionário toponímico foram analisadas as repostas de 76 alunos. Sendo assim, foi possível observar que todos os alunos sabiam o nome de sua rua e do bairro. Em relação aos motivos para a denominação destes nenhum aluno soube a motivação ou respondeu corretamente. Sobre o nome do homem que homenageia a escola nenhum dos alunos responderam corretamente ao se tratar de um jurista, escritor e político brasileiro nascido em Jardim de Piranhas quando pertencente ao município de Caicó.¹⁷

Conforme evidencia-se nas informações a respeito do quadro de apresentação dos dados, dos 169 topônimos de ruas, avenidas, loteamentos, bairros e praças encontrados no *lócus* de base da pesquisa, 161 (95,2%) são de natureza antropocultural e apenas 8 (oito), equivalente a 4,8%, são de natureza física.

76

Na análise dos topônimos de natureza antropocultural é marcante a taxionomia dos antrotopônimos que corresponde ao maior número de ocorrências com 141 (83,4%). Das nomenclaturas restantes, 28 (16,5%), temos o maior número de ocorrências de axiotopônimos e hierotopônimos, 11 (6,5%) e 6 (3,5%) respectivamente. Os demais não ultrapassam 1,1% cada um.

Isso deixa claro que, nomear os espaços públicos com os antropotopônimos é uma prática comum no município, porque é uma forma de garantir que as oligarquias mantenham impressas sua personalidade na memória coletiva da região por razões específicas de reprodução do poder. Podemos citar

¹⁷ Amaro Cavalcanti, nascido no sítio Logradouro, em 15 de agosto de 1849, na época pertencente ao município do Caicó e, atualmente, ao de Jardim de Piranhas, no Seridó Potiguar. Político, escritor e jurista nomeia além de uma escola estadual em sua cidade natal, ruas e outras escolas no estado do Rio Grande do Norte. Batiza também ruas e avenidas em outros estados além do Fórum Municipal de Caicó-RN.

as constituídas pelas oligarquias tradicionais da região do Seridó e as oligarquias locais menores. São os nomes dos Medeiros, Araújo, Santos, Dantas, Cavalcante, Santiago etc.

Revelou-se que entre os topônimos de natureza física nenhum é denominado por elementos que compõem a paisagem física da região brasileira a qual pertence o município que apresenta clima semiárido e tem como vegetação predominante a caatinga. A falta de topônimos que remetem a topografia, a fauna, a flora e a hidrografia desta vegetação refletem o caráter crítico e interdisciplinar da ciência toponímica.

É importante destacar os hierotopônimos, nomes de origem religiosa que retratam a fé do povo jardinense. Isso é um traço marcante na região do Seridó onde se destaca a relevância da religião católica na campanha colonizadora no litoral e o povoamento do interior onde batizavam com nomes santos. O próprio surgimento da cidade em torno de uma capela erguida em homenagem a Nossa Senhora dos Aflitos, padroeira do município, é destaque do aparecimento do núcleo habitacional.

77

Ao discorrer sobre toponímia no ensino de Geografia foi possível ampliar o protagonismo e formação de sujeitos críticos e conhecedores da sua realidade no âmbito local e regional. Instigar sobre o nome do bairro e da rua onde mora demonstrou ser uma oportunidade essencial para o debate e construção dos conceitos geográficos de lugar, identidade regional e território. Esta metodologia de ensino é interdisciplinar e merece ser partilhada, pois, demonstrou ser capaz de fazer uma leitura contextualizada com o cotidiano discente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa toponímica vinculada ao ensino de Geografia promoveu estudos dos conceitos de lugar, identidade, território e elementos que envolvem os

topônimos, como resgate a memória, identidade local e regional, relações de poder, aspectos físicos e patrimônio cultural da cidade de Jardim de Piranhas.

Enfim, é possível entender que cada topônimo é capaz de revelar elementos singulares referentes a localidade em que o aluno está inserido. A nomenclatura dos espaços retrata realidades diversas, capaz de refletir saberes, culturas, identidades, crenças e ideologias. O estudo dos nomes de lugares permite ao Ensino de Geografia uma aproximação maior entre o conteúdo formal e a prática educativa.

A formação identitária de um povo parte também do ato de nomear os espaços e os meios sociais, é uma forma de evidenciar os pensamentos, as crenças, as condutas e imprimir as identidades de cada ser, dentro de um contexto social, cultural e político. Com a cidade de Jardim de Piranhas não foi diferente. Os primeiros a povoarem esse espaço buscaram se valer do domínio político, das relações de poder e posse, para nomear e tecer as redes de identificações.

78

Dessa forma, a partir das discussões apresentadas neste artigo, acredita-se que os estudos toponímicos desenvolvidos na pesquisa e aplicados na escola junto aos discentes envolvidos, pode-se conhecer de perto um pouco de sua realidade e a produção de senso crítico atrelado a necessidade de reprodução social, o que, com certeza, é de grande relevância para a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de Almeida. **Sobre a memória das cidades.** Revista da faculdade de Letras – Geografia, I série, vol. XIV, Porto, 1998, PP. 77-97.

ANDRADE, K. S. **O lugar nos estudos toponímicos:** reflexões. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 585-607, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/9547>. Acesso em 10 mar. 2020.

ARAÚJO, Alcimar; SALES, Erivan; MACÁRIO, José. **Jardim de Piranhas: ontem e hoje**. Brasília, 1994.52 p.

ARAÚJO, Claudia Medeiros de. **A representação da mulher e as questões de gênero na toponímia urbana de Caicó-RN**. 2013. 194 f. Dissertação (Mestrado em História e Espaços) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013

BARBOSA, J. R. A. **Formação territorial e oligarquias estaduais: notas sobre o uso desigual do território norte-rio-grandense**. Revista Interface. Porto Nacional, n.12, p.34-54, dez. 2016. Disponível em: <<https://sistemas.uff.edu.br/periodicos/index.php/interface/index>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação (2018). **Base Nacional Comum Curricular**. Recuperado de http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

BRITO, Anderson Dantas da Silva. **Em nome(s) dos interesses: imaginários topográficos do Rio Grande do Norte na Primeira República**. 2012. 266 f. Dissertação (Mestrado em História e Espaços) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

79

CALLAI, H. C. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, p. 71-114, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: MEC, 1955.

_____, Luís da Câmara. **Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte**. Natal: FJA, 1968.

_____. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

CASTRO, Iná Elias de. **O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino**. São Paulo: Editora Bertrand do Brasil, 1992.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3.ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

DANTAS, José Adelino. **Homens e Fatos do Seridó Antigo**. Garanhuns: O Monitor, 1962.

DANTAS, Manoel. **Denominação dos Municípios**: Rio Grande do Norte. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2008.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antropónima no Brasil. Coletânea de estudos**. São Paulo – SP: Impresso pelo Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / USP, 1986.

_____. **A motivação topográfica e a realidade brasileira**. São Paulo, Arquivo do Estado, 1990, 387p.

HAESBAERT, R. **Identidades territoriais**. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo demográfico, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/jardimdepiranhas/panorama>>. Acesso em 05 de out. 2019.

_____. **Estimativa da população 2019**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/jardimdepiranhas/panorama>>. Acesso em 05 de out. 2019. 80

JARDIM DE PIRANHAS. Prefeitura Municipal. Lei Municipal nº 5666/2004, de 02 de julho de 2004. Institui sobre a nova delimitação dos bairros da cidade. Disponível em: Arquivo Municipal.

MORAIS, Antônio Carlos Robert. **Bases da formação territorial do Brasil: O território colonial brasileiro no “longo” século XVI**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2000.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Seridó norte-rio-grandense: uma geografia da resistência**. – 2. ed. – Natal: EDUFRN, 2016.

PINTO, G. J. **Do sonho à realidade: Córrego Fundo – MG, fragmentação territorial e criação de municípios de pequeno porte**. 248f. Dissertação (Mestrado em Geografia). IG-UFG, Uberlândia, 2003.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. **Toponímia dos municípios da Bahia: descrição, história e mudanças**. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2006.

RN – RIO GRANDE DO NORTE. Lei Complementar n. 102, de 10 de janeiro de 1992. Dispõe sobre a criação e anexação de municípios, a anexação de territórios de um município a outro, os limites e a toponímia municipal, a criação de distritos e dá

outras providências. Disponível em: <<http://www.gabinetecivil.rn.gov.br>>. Acesso em 26 jun. 2020.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOUSA, J. H. P. MARCOLINO, R. R. S. **A representação da identidade regional do Nordeste na telenovela**. NAMID/UFPB, ano XII, n. 06. Junho/2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>> Acesso em: 10 de abr. 2020.

SPINELLI, José Antonio. **Da oligarquia Maranhão à política do Seridó**. O Rio Grande do Norte na Velha República. Natal: CCHLA, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **Sobre o espírito geográfico**. Revista Política e Literária. nº18, ano 52. Paris: Gabinetes da Revista Política e Literária e da Revista Científica, p. 556-560,1914.

Submetido em: 01 de outubro de 2021. 81

Aprovado em: 02 de abril de 2021.

Publicado em: 28 de junho de 2021.